

A SOLIDÃO INSTITUCIONAL: A RELAÇÃO ENTRE FAXINEIRAS E ALUNOS NO CONTEXTO PARTICULAR

Autores: Livia Buzzato Rainer, Maria Clara de Andrade Gonçalves, Yasmin

Gomes Ribeiro da Silva

Orientador: Marlise Maurenre Machado

Colégio Drummond

Resumo

Este trabalho tem como tema a percepção da invisibilidade e da relação de subalternidade das funcionárias de limpeza de alguns colégios privados de Lorena, Cruzeiro e Guaratinguetá do estado de São Paulo. Deste modo, este projeto tem como objetivos apontar a relação entre os alunos e as funcionárias de limpeza, e como o gênero, etnia e classe social agravam as relações de subalternidade existentes no contexto da realidade das faxineiras, além de caracterizar o perfil socioeconômico e como isso se associa à invisibilidade delas.

A metodologia foi realizada de forma quantitativa, sendo aplicados questionários, de forma anônima, aos alunos do Ensino Médio, e qualitativa, na qual foram realizadas entrevistas às funcionárias de limpeza também do Ensino Médio. A análise dos resultados dos dados coletados confirmaram a hipótese deste estudo, de que as funcionárias da limpeza das escolas são invisibilizadas e ocasionalmente são alvos de exploração por meio dos alunos e alvo de preconceito pelos mesmos.

Palavras-chave: Faxineira. Invisibilidade. Subalternidade. Escolas Particulares. Solidão Institucional.

1. Introdução

Obras literárias clássicas são marcantes por seus enredos cheios de conhecimento e cultura de diversas épocas, em diferentes contextos. Nelas, muitas

vezes, o que nos passa batido são personagens que apresentam trajetórias de vida sofridas, por motivos de um pensamento arcaico enraizado em nossa sociedade. Entre eles: personagem Prudêncio, escravo desde criança no livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de 1881, cujo autor é Machado de Assis, que fora feito muitas vezes de cavalo por seu dono Brás Cubas, o qual montava em suas costas e maltratava o infeliz. A personagem Bertoleza, “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo, também publicado em 1881, escrava quitandeira, sempre sem domingo nem dia santo, apaixonada e cada vez mais submissa ao seu amante, João Romão, que lucra com sua falsa alforria.

A invisibilidade de quem presta serviços, iniciada desde a época da escravatura, impressionantemente, continua até os dias atuais como na figura dos funcionários de limpeza, neste caso, tratando-se especificamente das faxineiras de colégios particulares. A escritora e filósofa Djamila Ribeiro denuncia o sensacionalismo em relação à meritocracia quando é referida como “a filha da doméstica”, que conseguiu chegar ao Ensino Superior; externando o pensamento da sociedade em geral: o trabalho manual (representado no exemplo como o doméstico) visto como algo degradante.

Ainda nessa perspectiva, é possível afirmar que essa profissão não traz status social, fato que proporciona uma relação de subalternidade entre os indivíduos que dividem o mesmo espaço. Segundo o dicionário Aurélio, o significado de subalterno refere-se: “Diz-se de, ou o que está sob as ordens de outro”, consequentemente àquele que se sente inferior a outrem. De acordo com Simone de Beauvoir, “Não há crime maior do que destituir um ser humano de sua própria humanidade, reduzindo-o à condição de objeto”, no entanto, é perceptível que estes conceitos aplicam-se ao nosso objeto de estudo, ou seja, as “tias da limpeza” que convivem diariamente com a subalternidade e invisibilidade em seus locais de trabalho.

Este trabalho tem como objetivo compreender como gênero, etnia e classe social ampliam as relações de subalternidade nesse contexto de trabalho; verificar a percepção dessas mulheres e dos alunos sobre o trabalho de faxineira; caracterizar o perfil socioeconômico da amostra pesquisada.

2. Materiais e Métodos

No presente estudo, o grupo utilizou as seguintes vias metodológicas: quantitativa e qualitativa, sendo que com a primeira é possível estabelecer e avaliar análises estatísticas; e com a segunda é possível revelar as qualificações de dados apurados. Em relação

aos objetivos, o trabalho pretende, por meio de uma pesquisa científica de caráter exploratório, provar que existe uma relação de invisibilidade entre alunos e faxineiras. Para contemplar essa análise foram aplicados questionários, de forma anônima, via *Google Forms* e realizadas entrevistas pelo aplicativo *WhatsApp*.

Para organizar os métodos, o grupo se pautou na seguinte sequência:

a. Análise Qualitativa

Em análise quantitativa foram aplicados 172 questionários entre os primeiros (1º), segundos (2º) e terceiros (3º) anos do Ensino Médio em algumas instituições privadas de ensino de Cruzeiro-SP, Lorena-SP e Guaratinguetá-SP. O objetivo principal foi analisar os diferentes pontos de vista dos alunos e das faxineiras.

Quadro I. Perguntas respondidas pelos alunos.

Por favor, responda de forma séria. Esta é uma pesquisa científica. Colabore.

Este questionário é anônimo, qualquer dúvida, envie um e-mail à orientadora do trabalho, prof. Marlise Machado, marlisemachado@gmail.com

1. Gênero () feminino () masculino

2. Idade _____

3. Você estuda nessa escola há quanto tempo?

4. Você é bolsista?

() não tenho nenhum tipo de bolsa

() tenho desconto de até 50%

() tenho mais de 50%

() sim, 100%

5. Qual a profissão da sua mãe?

6. E do seu pai?

7. Sua família tem ou teve empregada (o) doméstica(o) fixa?

() sim () não

8. Alguém da sua família desempenha funções na área de limpeza (doméstica, faxineira, servente)?

() sim () não

9. Quantas faxineiras tem na sua escola?

() uma () duas () três () cinco () não sei

10. Você consegue citar pelo menos um nome de uma faxineira da sua escola?

Se sim, escreva aqui:

() não sei o nome de nenhuma

11. Você cumprimenta as faxineiras da sua escola?

() sim () não

Fonte: Autoria própria

b. Análise Quantitativa

Realização de entrevistas com cinco faxineiras que trabalham nas escolas privadas de Cruzeiro-SP, Lorena-SP e Guaratinguetá-SP, com o objetivo de verificar as posições acerca da temática abordada.

Quadro II. Perguntas respondidas pelas entrevistadas.

I. Nome

II. Idade:

III. Escolaridade:

IV. Autodeclaração de cor:

V. Histórico escolar (se repetiu, em que série parou de estudar)

VI. Escola: () pública () particular

VII. Profissão dos pais

VIII. Profissão dos sonhos:

IX. Tem filhos? Quantos?

X. Algum estuda na escola?

XI. Por que não estuda?

XII. Estado civil?

XIII.Você se sente parte dessa escola?

XIV.Você acha que os alunos reconhecem o seu trabalho?

XV.Os alunos cumprimentam você?

XVI.Como você se tornou faxineira?

XVII.Tem jornada dupla?

XVIII.Trabalha em outros lugares?

Fonte: Autoria própria

3. Resultados e Discussão

Alguns dos resultados que obtivemos foram positivos para comprovação da hipótese, porém negativos quando os trazemos para a realidade. Constatamos, por meio da metodologia, que, por mais que haja o “bom dia” cotidiano, a maioria dos alunos não consegue citar o nome de pelo menos uma delas, o que reforça a ideia de invisibilidade ou quando predominantemente as negras sofrem discriminação (sendo racial e pela profissão), por exemplo.

Nota-se que a instituição não estimula quaisquer formas de segregação ou preconceito e que a problemática surge única e exclusivamente da relação de poder que parte dos alunos entroniza a si mesmo. Outro fator importante é que nenhuma sonhava em estar na profissão que exerce, mas todas, se não sentiram na pele, já ouviram falar de uma colega de trabalho que foi vítima de preconceito apenas por cumprir suas funções.

7. Considerações Finais

Não existe trabalho sequer que venha suprir todas as análises possíveis, ou seja, uma pesquisa como a concluída aqui é apenas o primeiro passo para proporções reais e com maior amplitude, para novas comparações (colégios privados x públicos, por exemplo), entre outros. Ninguém pode afirmar que é desprovido de qualquer vestígio e aparência de preconceito (o que assim diz, já o pratica).

O grupo, ao pesquisar e ouvir mulheres batalhadoras resumidas à “tias da limpeza” pode desconstruir em si estigmas enraizados na sociedade e, assim, deseja que todos os que tiverem acesso a este trabalho se conscientizem e valorizem aquelas que sempre estão ali, mas são pouco vistas e protagonizadas.

Referências

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUSA, Natália Rodrigues. *A figura de Bertoleza como heroína do Cortiço, de Aluísio Azevedo*. Artigo Letras Uva, 21/03/2010. Disponível em: “<<http://msaraujo66.blogspot.com/2010/03/figura-de-bertoleza-como-heroína-do.html?m=1>>”. Acesso em 21 mar. 2020.

STRINGUETTI, Lucas. Opressão e escravidão no episódio do vergalho em Memórias Póstumas de Brás Cubas. Revista Vernáculo, Curitiba, n. 41, p. 70-93, julho 2017. Disponível em: “<<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/download/51773/34841>>”. Acesso em: 21 mar. 2020.